

INFORMAÇÃO E SIGNOS EM CONTEXTO MUSEOLÓGICO: o Museu Casa de José Américo

*Carlos Xavier de Azevedo Netto **
*Tahis Virginia Gomes da Silva ***

RESUMO

Esse artigo baseia-se em reflexões acerca da relação entre informação e objetos, com especial destaque para contextos museológicos, entendidos como uma instituição-memória. O universo da pesquisa foi a exposição permanente do Museu Casa de José Américo, localizado na cidade de João Pessoa - PB, cujo acervo representa a vida e obra do escritor e político José Américo. É utilizada como método de pesquisa a Análise Semiótica. **Concluiu-se que** compreendendo a Memória como representação (DIEHL, 2002) é possível perceber que a Semiótica, como método de pesquisa, é a teoria que fundamenta esse processo representacional, uma vez que esta se dar tanto no contexto da materialidade - signo objeto, signo veículo – quanto na imaterialidade – signo interpretante. Portanto, a análise dos fenômenos informacionais, com foco na memória cultural coletiva, perpassa pela relação com a análise semiótica, através da qual é possível construir modelos metodológicos para o estudo da informação enquanto suporte da memória.

Palavras-chave: Ciência da Informação – Diálogo Disciplinar. Memória-Identidade Coletiva. Semiótica - Método de Pesquisa.

* Arqueólogo, doutor em Ciência da Informação, Docente do PPGCI/UFPB e do Departamento de Ciência da Informação.

** Mestre em Ciência da Informação, Bibliotecária/Documentarista da UFPB.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação tem como uma das suas características sua relação de diálogo disciplinar com outros ramos do saber. Saracevic (1996), Oliveira e Rodrigues (2008) destacam a posição de abertura da área para uma interação com os outros campos do conhecimento. Essas interfaces serviram de apoio para que a área de Ciência da Informação pudesse construir seus alicerces desde a consolidação de uma terminologia específica até o uso dos métodos e

teorias abordadas em torno da informação.

Castro (2005, não paginado) defende que “dentre as chamadas instituições de memória, o museu tem um papel ímpar na sociedade moderna como mediador entre o público e o acervo, e como comunicador e produtor de discurso”. Reforçando, com isso, a função comunicativa e informativa dos museus. Com destaque para as tipologias de exposição que funcionam como veículos de intermediação entre o museu e a sociedade, e, portanto, “a forma pela qual o público recebe o conteúdo e a mensagem de uma exposição proposta assegura e garante a legitimidade da função social do museu” (CASTRO, 2005, não paginado).

Neste contexto, o presente trabalho procura discutir o uso da semiótica como fundamento metodológico para a compreensão das formas representacionais que a cultura material Assume em contexto museológico. Para tanto, o locus de pesquisa em que essa discussão se dá é o acervo encontrado na exposição permanente do Museu da Fundação Casa de José Américo, na cidade de João Pessoa, PB.

2 INFORMAÇÃO, OBJETOS E DOCUMENTOS

A informação ocupa importante espaço na sociedade pós-industrial, como um termo que remete à ordem, a organização, a diminuição das incertezas e das dúvidas. Sendo, pois, “compreendida como a mais poderosa força de transformação do homem” (ARAÚJO, 1991, p. 37).

O termo Informação popularizou-se, segundo McGarry (1999), provavelmente, com a invenção da imprensa por Gutenberg, no século XV da era cristã, tendo sua origem no latim “formatio” (forma) que traduz a ideia de moldar ou modelar, ou ainda de dar forma a algo.

Para Zeman o termo Informação, originário do vocabulário latino *informare*, designa o sentido de “dar forma, ou aparência, por em forma, formar, criar [...] representar, apresentar, criar uma idéia” (ZEMAN, 1970, p. 156). Portanto, Informação pode ser também definida com o ato de colocar algo em forma ou a ação de ordenar as coisas – em sentido físico, concreto, material em si e no sentido abstrato, de ordenação de ideias – organizando tudo dentro de um sistema de classificação.

Com isso se pode afirmar que o valor da Informação está diretamente condicionado à sua capacidade em proporcionar um conhecimento novo, ou uma mudança no estado de conhecimento do indivíduo, que absorvendo e reconstruindo a informação lhe concede o caráter de valor (CHOO, 2003).

A criação de sentidos ou atribuição de significados é uma prática inerente ao homem, atrelada a sua necessidade de viver em grupo, pois “atribuímos significado ao nosso mundo ao identificar e relacionar classes de eventos ao invés de casos individuais” (MCGARRY, 1999, p. 32). Portanto, a significação não se resume a dar sentidos de forma pessoal, mas, sobretudo, a dar sentidos dentro de um contexto de convívio social.

Portanto, a partir de Zeman (1970), se pode, enfim, definir Informação como:

[...] a qualidade da realidade material de ser organizada (o que representa, igualmente, a qualidade de conservar este estado organizado) e sua capacidade de organizar, de classificar um sistema, de criar (o que constitui igualmente, sua capacidade de desenvolver a organização). É, juntamente com o espaço,

o tempo e o movimento, uma outra forma fundamental de existência da matéria – é a qualidade de evolução, a capacidade de atingir qualidades superiores. Não é um princípio que existiria fora da matéria e independentemente dela (como são, por exemplo, o princípio idealista da entidade ou o termo da “entelequia”) e si inerente a ela, inseparável dela. (ZEMAN, 1970, p. 157).

Dodebei (1997), denotando o percentual de materialidade e representabilidade do objeto, apresenta uma definição ampla do termo na qual se pode destacar:

Tudo que física ou moralmente se apresenta e se oferece aos nossos sentidos ou à nossa alma; tudo que a nossa vista possa enxergar, tudo que é exterior ao espírito [...] o que se apresenta à percepção com um caráter fixo e estável [...] coisa existente fora de nós, coisa disposta diante, com característica material [...] (DODEBEI, 1997, p.50).

Os objetos quanto atribuídos de “significado de memória” constituíssem como documentos (DODEBEI, 1997). Portanto se pode afirmar que: “A transformação dos objetos de cotidiano em documentos é intencional,

constituindo estes uma categoria temporária e circunstancial” (DODEBEI, 1997, p.174).

Para Ulpiano Meneses “[...] a natureza física dos objetos materiais, trazem marcas específicas a memória [...]” (MENESES, 1997, não paginado) Com isso, indaga em que consiste a capacidade documental do objeto, “como pode ele ser suporte de informação?” O que se procura delinear nessa dissertação logo a seguir com as considerações sobre o objeto compreendido com documento.

Loureiro, Loureiro e Silva, (2009) afirmam que inicialmente o termo documento referenciava o vocabulário latino *docere* tendo o sentido de ensinar, com o passar dos anos o termo foi ampliando seu leque de definições extrapolando a noção simplificada dos registros gráficos ou textos impressos para toda a forma de registro (material ou imaterial), ou seja, toda informação significativa para o homem.

Le Goff (1996) partindo da palavra *documentum* de origem latina busca a definição epistemológica do termo documento, cuja derivação vem do vocábulo *docere* que significar ensinar, o qual evoluindo para o sentido de “prova” é utilizado em abundância no contexto

legislativo. Contudo, ressalta que “o sentido moderno de testemunho histórico” (LE GOFF, 1996, p.536) ganha força apenas no século XIX.

Para Le Coadic documento “[...] designa os objetos portadores de informação. Um documento é todo artefato que representa ou expressa um objeto, uma idéia ou uma informação por meios de signos gráficos e icônicos” (LE COADIC, 2004, p.5), o que reforça a afirmação anterior de que informação é atribuição de sentidos e que um objeto é um documento pela significação ou sentido que lhe é dado dentro de determinado contexto social.

3 AS INTERFACES DIALÓGICAS NA CONSTITUIÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: contribuições da museologia e da semiótica

A natureza de diálogo disciplinar com outros campos do saber científico marcou desde o princípio o desenvolvimento da Ciência da Informação, como destaca Pinheiro e Loureiro (1996, p.42) “A Ciência da informação [...] é um ramo de pesquisa que toma sua substância, seus métodos e suas técnicas de diversas disciplinas para chegar à compreensão das propriedades,

comportamento e circulação de informação” .

Para Saracevic (1996) é esse caráter de abertura de diálogo da Ciência da Informação, fundamentado na relação da disciplina com, principalmente, quatro áreas: a biblioteconomia, a ciência da computação, a ciência cognitiva e a inteligência artificial e a comunicação, que marcou o surgimento da área. Uma vez que essas influências serviram, segundo o autor, para delinear o campo de pesquisa da Ciência da Informação e é uma forte característica da disciplina.

Le Coadic enumera quatro disciplinas que até os dias atuais operam “no campo da informação – a biblioteconomia, a museoeconomia, a documentação e o jornalismo” (LE COADIC, 2004, p. 12). O autor destaca que por bastante tempo essas disciplinas se voltaram mais para a preservação dos suportes informacionais do que com a informação como objeto de estudo.

A Museologia busca um diálogo disciplinar (LIMA, 2008) com outras áreas para construir novos conceitos dentro de sua especificidade. Procurando agregar contribuições de outras áreas para melhor conceber os estudos sobre as exposições (CURY, 2004).

Pode-se afirmar que há um crescente interesse tanto na Ciência da Informação quanto na Museologia por essa relação dialógica, especialmente no que diz respeito aos estudos voltados para as exposições museológicas, uma vez que a estas têm suscitado enfoque de “distintas áreas” (LIMA, 2008). Especialmente no interesse da Ciência da Informação pelo tratamento dado a informação no âmbito do espaço museal.

Tratando das relações existentes entre a Ciência da Informação e a Semiótica, Moura (2006) ressalta que a Ciência da Informação dirigiu-se para os estudos dos “fenômenos informacionais” se constituindo “pela aproximação de distintos campos de conhecimento” (MOURA, 2006, p.2), o que reforça sua abertura ao diálogo com outras áreas do saber científico.

E uma vez que a Ciência da Informação compreende a informação no contexto da dinâmica social, pode-se afirmar que essa compreensão “envolve uma dinâmica de significação, de produção e circulação de signos e numa rede de atos de enunciação semiótica” (MOURA, 2006, p. 2).

Almeida e Guimarães (2007) destacam as conexões entre a Ciência da

Informação e a Semiótica com ênfase no diálogo dos dois campos. Apontam as contribuições dos estudos da Semiótica de Peirce para as pesquisas da organização e representação da informação.

Portanto se evidenciam as contribuições de variadas disciplinas – como as já mencionadas – e estudos diversos para a afirmação da Ciência da Informação como área de diálogo disciplinar.

4 MEMÓRIA, MEMÓRIA COLETIVA E INDETERMINAÇÃO: algumas considerações

A Memória ocupa lugar de destaque no meio científico. Fato perceptível por alguns autores aqui apontados que vêm tratando do termo em suas discussões teóricas. Há, portanto, uma gama de debates sobre o termo (RIBEIRO, [2000]; LE GOFF, 1996; OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2008; DIEHL, 2006; MENESES, 1997). Como não poderia deixar de ser, a Memória é objeto de interesse também para os estudos da Ciência da Informação (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2008).

Com isso, é relevante apresentar alguns conceitos de memória, sobretudo o

de memória como representação da cultura e da identidade coletiva.

Ribeiro ([2000]) afirma que a Memória é um organismo vivo, representada, sobretudo, pelo testemunho do vivido, do experienciado, permanece no tempo, renova-se, o que lhe concede seu caráter dinâmico e de readaptação contínua.

Para que se exista Memória, argumenta Ribeiro ([2000]), a condição primordial é o ato da continuidade. Isto porque a Memória não diferencia, não realiza recortes entre passado e presente, mesmo que remeta ao passado, o tornar presente ou o atualizar através do ato de lembrar.

Meneses chama atenção para as características básicas da memória: primeiramente seu caráter de seletividade. Ressaltando sua incapacidade de registrar tudo ou de trazer a tona à consciência tudo que foi registrado. Por conseguinte destaca o caráter de indução da memória, ou seja, sua possibilidade de ser manipulada ou produzida, a exemplo das memórias artificialmente coletivas (MENESES, 2002, p.183). E, por fim, afirma o caráter de dinamismo e mutabilidade da memória, confirmando que “a memória gira em torno de um dado

básico do fenômeno humano, a mudança” (MENESES, 2002, p.185), ou seja, a memória não se paralisa no tempo passado, mas permanece em constante transformação.

Diehl (2002) diferencia memória e lembrança colocando que a lembrança representa a fragmentação das experiências vividas, recortes de acontecimentos vivenciados individualmente, sem atualização onde as “[...] lembranças estão localizadas no passado de forma estática” (DIEHL, 2002, p.116). Por outro lado, a memória “significa experiências consistentes, ancoradas no tempo passado facilmente localizável [...] constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos [...] pode ser individual ou coletiva” (DIEHL, 2002, p.116). Assim, a memória é concreta e atualizada. Contudo, também tem sua deficiência, onde se ressalta que a memória sofre “desgaste ao longo do tempo” (DIEHL, 2002, p.117). Portanto, se pode afirmar que “a memória passa” (DIEHL, 2002, p.117).

A memória é constituída por três instâncias: acontecimentos, pessoas (personagens) e por lugares, ou ainda, os acontecimentos vividos individualmente e os “vividos por tabela”, vivenciados pela

coletividade ou pelo grupo a qual o indivíduo pertence, mas que este não vivenciou realmente (POLLACK, 1992). Nesse contexto, da memória fundamental coletiva, há um processo de “projeção ou de identificação” através do que o autor chamou de socialização política ou da socialização histórica do acontecimento, no qual a relação do indivíduo com o passado coletivo é tão forte que mesmo não tendo vivenciado o ocorrido, ele adquire uma representação ou significação, possibilitando falar em uma “memória por herança”.

Halbwachs (2008) afirma que a memória se constitui a partir das vivências particulares, individuais, pessoais ou íntimas de cada pessoa e das experiências adquiridas através do convívio social “portanto, existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias” (HALBWACHS, 2008, p.23).

A memória relaciona-se estreitamente com o sentimento de identidade (MENESES, 2002; DIEHL, 2002). Isto porque a identidade é constituída a partir da relação com o outro, com um diálogo entre similaridade e distinção (HALL, 2006), são, pois, através

dos vestígios da memória, especialmente a memória herdada, que se busca representar essas relações identitárias (MENESES, 2002).

Ulpiano Meneses ressalta que os conceitos de Identidade e Memória têm em comum a característica da ambiguidade e um forte efeito perturbador. O autor define que o conceito de identidade “implica semelhança a si próprio, formulada como condição de vida psíquica e social” (MENESES, 2002, p. 182), ou seja, para Meneses identidade é um processo de reconhecimento de si através da construção da relação com o outro, portanto que se dar no contexto da interação social. Já memória define como “suporte fundamental da identidade [...] mecanismo de retenção de informação, conhecimento, experiência, quer em nível individual, quer social [...]” (MENESES, 2002, p. 183), com isso constata-se que para memória é um suporte no processo de construção da identidade que se alicerça como instrumento no resguardo da informação.

Portanto, a construção da personalidade, ou identidade individual está atrelada as formas em que cada indivíduo se relaciona com os acordos da sociedade em que está inserido ou da

qual almeja fazer parte, ou seja, consta que a identidade sempre se define pela relação entre o 'eu' e o 'outro', entre a semelhança (ou idêntico) e a diferença (HALL, 2006).

Azevedo Netto (2005) reforça a noção de identidades múltiplas, apontadas por Hall (2002) em que o indivíduo, enquanto sujeito social assume uma identidade de acordo com cada papel que desempenha em sua vida em sociedade. Defendendo que “somente através de um processo de construção de identidades culturais é que se pode chegar a uma real formação de comunidades que se reconheçam com afinidades de presente e de passado.” (AZEVEDO NETTO, 2005, p.269). Portanto, pode falar em identidades e memórias coletivas.

Com isso, afirma-se que memória é um fenômeno construído socialmente e individualmente, seletivo e impossível de total recuperabilidade. Com uma forte característica de mutabilidade e transitoriedade, ou melhor, de variabilidade. Portanto, memória é representação e é também uma atualização, ou melhor, uma presentificação do passado.

4.1 Instituições-Memória, Museu, Casa-Museu e Exposições Museológicas

Mário Chagas define que as instituições-memória compreendem “as instituições que tratam da preservação e difusão do patrimônio cultural, sejam elas arquivos, bibliotecas, museus, galerias de arte ou centros culturais” (CHAGAS, 2002, p.35). A essas instituições, sobretudo aos museus, se atribui “a função de casas de guarda do tesouro [...]” (CHAGAS, 2002, p.51).

Fragoso (2008) apresenta uma definição mais ampla de instituições-memória como:

Órgãos públicos ou privados, instituídos social, cultural e politicamente, com o fim de preservar a memória social, seja de um indivíduo, de um segmento social, de uma sociedade ou de uma nação, que tem funções de socialização, aprendizagem e comunicação, e disponibiliza informação patrimonial como fonte de pesquisa na formação de identidades (FRAGOSO, 2008, p.70).

As instituições de memória (arquivos, bibliotecas e museus) evoluíram passando de guardiãs dos “tesouros” resquícios da memória e tornaram-se instituições de disseminação

“das culturas diversificadas” (DODEBEI, 1997, p.143).

Os Museus foram construídos sob o ideal de preservação da memória coletiva, assumindo critérios de ordenação e guarda de objetos que representassem à memória material de um indivíduo ou de uma sociedade (CURY, 2006; GONÇALVES, 2004). Com isso, elucidam-se algumas definições de autores da Museologia sobre museus.

O termo museu vem da palavra latina *museum* (GONÇALVES, 2004) e esta do vocábulo grego *museion* (PINHEIRO 2004; GONÇALVES, 2004) designado para representar o espaço dedicado a contemplação e veneração das divindades ou “templo das musas”. Uma instituição intimamente ligada a “[...] preservação do passado e exigências de renovação do presente.” (LOUREIRO, 2000, p. 92). Teve posteriormente sua origem associada ao colecionismo (CURY, 2005; ZUBIAUER CARREÑO, 2004; LARA FILHO, 2006), o hábito de colecionar e guardar, mesmo que de forma desorganizada, objetos, móveis e obras de arte.

Castro (2000) por sua vez distribui o desenvolvimento e a evolução das instituições museológicas em três

momentos, os quais ela denomina de feições:

- a) Primeiramente relacionada à origem mitológica grega do termo museu a “feição mitológica”, quando o museu surge como um templo, lugar de reunião para estudiosos e artistas;
- b) Seguido da “feição enciclopédica” proporcionado pela reunião dos acervos fruto das coleções reais e ligadas a Igreja, os quais possibilitaram a criação dos Gabinetes de curiosidades, já mencionados;
- c) E por fim, a “feição institucional”, surgindo em fins do século XVIII, motivada pelas novas ideologias de liberdade política e pelas transformações sócio-culturais que atravessaram a Idade Moderna.

Já no século XIX as instituições museais consolidaram-se a partir de um ideal nacionalista, propondo a recuperação da identidade nacional da nova sociedade europeia que se formava no pós Revolução Francesa (JULIÃO, 2006).

Nesse período foram construídos os primeiros museus no Brasil, com a

chegada de D. João VI e sua corte. Para tornar a província mais adequada a nova sociedade erudita e “nobre” que vinha residir em terras brasileiras. Ocorreram construções de museus ligados a entidades oficiais, tais como as forças militares. Conforme outros museus americanos contextualizados na colonização europeia, os museus brasileiros reproduziram as “funções e propósitos de uma cultura dominante” (LOUREIRO, 2000, p. 92).

Até as primeiras décadas do século XX, os museus no Brasil mantiveram o caráter de “museus enciclopédicos” direcionando-se para uma diversidade tipológica de temas sem especificação de acervos ou coleções. Suas coleções eram geralmente “de caráter histórico” (LOUREIRO, 2000, p.92).

O Museu é um espaço que por um lado promove a valorização da cultura e por outro possibilita o seu esquecimento (CHAGAS, 2002). Isso porque aos selecionarem objetos para compor suas coleções, como representativos de uma determinada prática cultural, em detrimento de outros, que são excluídos, os museus de certa forma determinam o esquecimento desses objetos excluídos, e

com eles suas representações sociais (SANTOS, 2002).

Segundo Cury (2006) o museu definiu-se como uma instituição que tem duas responsabilidades básicas: preservar e comunicar o patrimônio cultural. Sendo assim, o museu é uma instituição de preservação e comunicação, com ênfase no aspecto de comunicar, o que melhor representa o papel social do museu, uma vez que “é através da comunicação que o museu se faz visível à sociedade e ganha forma social” (CURY, 2006b, p. 2).

Com o passar dos anos, os Gabinetes de curiosidades deram lugar ao museu iluminista. Correspondendo a nova forma de representar o mundo (LARA FILHO, 2006). A partir do século XVIII os objetos das coleções são armazenados conforme uma nova distribuição e classificação. De uma organização generalista passam a ser relacionados a áreas específicas: objetos técnicos para as coleções técnicas; materiais minerais e insetos para as coleções de história natural e ciências; objetos exóticos, ligados a costumes de culturas ditas primitivas ou nativas, para as coleções etnológicas; artefatos bélicos para as coleções antropológicas e história militar;

pedras preciosas, jóias e objetos estéticos ou produções estilísticas para as coleções de arte e os artefatos pré-históricos para as coleções arqueológicas, etc. dessas coleções especializadas surgem às tipologias de museus.

Dentre as tipologias de museus as casas-museus, residências que foram musealizadas, merecem destaque nesse artigo.

As casas-museus como representantes da instituição-memória trazem em si o diálogo entre o capital privado e o capital coletivo da memória (PONTE, 2007). Com isso, faz-se relevante apresentar algumas considerações sobre a casa-museu. Por fim, Ponte define que a casa-museu é um:

[...] Espaço doméstico convertido em equipamento público, posto ao serviço deste com vista a celebrar e evocar a história de um homem, de um país, de um grupo ou um acontecimento, que, por estar directamente relacionado com a casa, se consegue apreender nesse espaço (PONTE, 2007, p.30).

O museu e a exposição interagem estando sempre de alguma forma relacionados (GONÇALVES, 2004). Lisbeth Rebolo Gonçalves (2004) define o

termo exposição a partir do latim *exponere* que significa “pôr para fora”; “entregar a sorte” (GONÇALVES, 2004, p. 13). E segundo a autora, é através das exposições que os museus constroem sua relação de identidade social. É com isso através da exposição que as práticas informacionais do museu ganham forma (ROCHA, 1999).

5 PERCURSOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NA PESQUISA: a semiótica como método

Universo da pesquisa foi à exposição permanente do Museu Casa de José Américo, localizado na fundação que recebe o mesmo nome, no litoral da cidade de João Pessoa - PB, que tem por finalidade representar a vida e obra do escritor e político paraibano José Américo de Almeida.

Figura 1 - Planta baixa da casa-museu e em amarelo o percurso da exposição permanente.



Fonte: Folder do Museu CJA

Foi utilizada como método de pesquisa, que embora também seja considerado teoria e /ou disciplina (TEIXEIRA COELHO NETTO 2007; SANTAELLA, 2001), também foi abordado como base metodológica em pesquisa acadêmica. Trata-se da Análise Semiótica.

Para a coleta de dados foi utilizada a técnica da observação qualitativa direta e não - participativa, no espaço do Museu CJA, desenvolvida em três momentos. Unida à observação qualitativa foi selecionada como instrumento de pesquisa e coleta de dados a entrevista não dirigida e informal por meio de encontros informais e através de e-mail, com a museóloga que planejou e montou a exposição do Museu Casa José Américo.

A segunda fase da pesquisa constituiu-se da análise dos dados, de caráter qualitativo, enfatizando a Análise Semiótica dos objetos (MORENTIN, 2002/2007) que compõem o acervo do Museu da CJA, com base no modelo Semiótico-Informacional de Eco (SANTAELLA, 2001) buscando definir como se construiu a representação, e com isso, a significação dos objetos

musealizados, no contexto do Museu Casa de José Américo.

Ao selecionar objetos para compor seus acervos associando esses a outros recursos informacionais ou informativos, tais como textos impressos, elementos das linguagens visuais, etc., os museus transmitem “mensagens ao público” (CARVALHO, 2000, p.130). Sendo essa mensagem construída a partir da utilização de códigos diversos e de “sistemas semióticos”.

Figura 2 - Detalhe do Folder



Fonte: Folder Museu CJA

Figura 3 - Detalhe do Folder



Fonte: Folder Museu CJA

Proposto por Umberto Eco (SANTAELLA, 2001) o modelo Semiótico-Informacional, estuda a função sógnica (comunicação) como processo de transformação da informação através de um sistema de códigos (significação).

Cobrando a laguna no campo dos estudos semióticos, do território da análise semiótica de objetos, se insere a Semiótica Indicial proposta por Juan Magariños Morentin (2002/2007) ao afirmar que os objetos, comportamentos e as memórias (ou recordações) têm a qualidade de objetos semióticos, isso devido a possibilita de se perceber essas

“entidades enunciativas” a partir de suas existências ontológicas, especificamente por meio dos modos de disposição de exposições museológicas apontados por Morentin (2002/2007) em sua análise de Semiótica Indicial, experimentada em visita ao Museu de Arte Moderna de Buenos Aires, em 2001:

- a) Distribuição do conjunto de objetos relativamente semelhantes;
- b) Situar um objeto em massa ou um conjunto de objetos idênticos (enquanto produzidos em série) dentro de uma vitrine ou sobre um pedestal em associação a outros suportes;
- c) Associar (por aproximação) dois ou mais objetos que pertencem a contextos sócio-culturais distintos, sem nenhuma conexão e reforçando alguma qualidade relacionada entre eles;
- d) Evidenciar a ausência de determinado objeto, através da demonstração de algum dispositivo;
- e) Reconstituir a estrutura de algo, um ambiente, por exemplo, numa casa-museu, no qual a disposição cotidiana requer uma convenção social; ou mesmo pela modificação de significado, por exemplo de um objeto socialmente valorizado (ausente, mas representado) para outro socialmente desvalorizado (presente, e com eficácia representativa);
- f) Apresentar um objeto vinculado a outro, ou diversos objetos, numa classificação temática, como fragmentação de um

comportamento, o trabalho ou a vida profissional por exemplo. [tradução minha].(MORENTIN, [2008], não paginado).

A partir desses dados levantados pode-se afirmar que os modos de disposição de exposições museológicas partindo da análise semiótica indicial proposta por Morentin percebidas na exposição permanente do Museu CJA são conforme o quadro 1 que segue abaixo:

Quadro 1 - Modos de disposição de exposições museológicas percebidos na exposição permanente do Museu CJA

Distribuição do conjunto de objetos relativamente semelhantes e Reconstituição da estrutura de algo, um ambiente, por exemplo, numa casa-museu, no qual a disposição cotidiana requer uma convenção social.	Reconstituição dos cômodos e do mobiliário da residência de José Américo: sala de estar; sala de jantar, gabinete/biblioteca; quarto de dormir
Associar (por aproximação) de dois ou mais objetos que pertencem a contextos sócio-culturais distintos, sem nenhuma conexão e reforçando alguma qualidade relacionada entre eles	Esculturas
Situar um objeto em massa ou um conjunto de objetos idênticos (enquanto produzidos em série) dentro de uma vitrine ou sobre um pedestal em associação a outros suportes. Apresentar um objeto vinculado a outro, ou diversos objetos, numa classificação temática, como fragmentação de um comportamento, o trabalho ou a vida profissional por exemplo.	Vitrines temáticas

Fonte: dados de pesquisa

Com isso, se comprova a viabilidade da análise semiótica indicial partindo da identificação dos modos de disposição dos objetos e da constituição da exposição proposta por Morentin (2002/2007).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as instituições museológicas como produtoras de informação e construtoras de significações criando representações de fragmentos da realidade – constituídos a partir de seus acervos – é perceber o museu como campo informacional e espaço de construção de sentidos.

A exposição museológica como campo e objeto de pesquisa pode ser compreendida como um espaço de divulgação da informação, numa instituição com presente papel social e cultural. Os museus assumem – através da constituição de suas exposições – cada vez mais a missão de construtores da identidade cultural através das políticas de preservação da memória social de um povo (ALMEIDA, 2005; SANTOS, 2004).

Pensa-se a exposição em vista de proporcionar uma experiência de

qualidade (CURY, 2006) para o público visitante, uma vez que “as exposições, seus circuitos, textos e legendas requeriam de seus visitantes um tipo de comportamento [...]” (SANTOS, 2002, p.110). Castro (2005, não paginado) destaca a urgência na reflexão “sobre o compromisso ético” uma vez que, para autora, as instituições museológicas possuem uma situação privilegiada como guardiães dos bens materiais informacionais destacados enquanto representantes “de memórias sociais”.

O Museu CJA é uma instituição-memória primeiramente por ser um museu, que já foi listado entre as entidades reconhecidas como instituições-memória (arquivos, bibliotecas, museus) pelos autores tratados anteriormente (CHAGAS, 2002; LE GOFF, 1996; FRAGOSO, 2008). É representativo da cultura e da identidade cultural da sociedade política paraibana de uma época, e com isso representa a memória coletiva, mesmo que uma memória herdada e/ou construída.

Contudo, percebem-se os silenciamentos e esquecimentos da memória (LE GOFF, 1996; RICCEUR, 2008) na exposição permanente do Museu CJA fato perceptível na ausência

de referências a presença ou influência do escritor/político em evento de destaque na memória política da Paraíba, tais como os acontecimentos que antecederam a morte do presidente João Pessoa, do advogado e ativista político João Dantas e sua companheira a poetisa Anayde Beriz, em 1930 (DANNEMANN, 2007). No entanto, este esquecimento e memória manipulada (RICCEUR, 2008) não surpreendem, uma vez que com o processo seletivo da constituição de uma exposição museológica ocorre a seleção de alguns objetos em detrimento de outros apresentando uma determinada narrativa sobre a personalidade ali representado, o que se pode afirmar unido a Chagas que: “[...] esquecimento e memória [...], complementam-se e sempre estão a serviço de serviços que se constroem e são construídos através de práticas sociais.” (CHAGAS, 2002, p.36). O esquecimento na exposição permanente do Museu CJA será tratado em produções futuras, uma vez que nesta dissertação o foco é a memória e, sobretudo, a informação no museu.

Com relação ao Modelo Semiótico-Informacional proposto por Eco (2007) a análise das funções sógnicas na constituição da estrutura e do

funcionamento da narrativa museográfica expositiva do Museu CJA, pode-se perceber que na exposição permanente há ainda algumas barreiras na inter-relação entre a comunicação e a significação da referida exposição. Uma vez que foram constatadas peças e percursos sem nenhuma identificação. Com isso, não se informa qual a função ou como era utilizado determinado objeto ou como esse objeto foi adquirido (a exemplo das medalhas e comendas), ou seja, qual a relação desse objeto com a pessoa de José Américo, indo de encontro com a afirmação de Ponte: “O aliciante de uma casa-museu reside na intrínseca relação entre os objetos presentes e as pessoas a quem pertenceram e aí habitavam [...] relação do objeto com o indivíduo [...]” (PONTE, 2007, p.10).

No entanto, se percebe que a exposição permanente do Museu CJA foi elaborada propondo-se a recriar os ambientes e móveis da personagem homenageada. Mesmo deixando algumas dependências fora dessa cenografia (GONÇALVES, 2004) a equipe pode representar e reconstituir o ambiente privado ali apresentado.

Compreendendo a Memória como representação (DIEHL, 2002) é possível perceber que a Semiótica, tanto enquanto teoria quanto como método de pesquisa, é a teoria que fundamenta esse processo representacional, uma vez que esta se dar tanto no contexto da materialidade – signo objeto, signo veículo – quanto na imaterialidade – signo interpretante. A relação entre a Memória e a Semiótica ocorre através dos referenciais materiais, ou seja, a cultura material (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2008). Portanto, a análise dos fenômenos informacionais, com foco na memória cultural coletiva, perpassa pela relação com análise semiótica, através da qual é possível construir modelos metodológicos para o estudo da informação enquanto suporte da memória.

SIGN AND INFORMATION IN MUSEOLOGICAL CONTEXT: The Casa de José Américo Museum

ABSTRACT

This article is based on the dissertation PPGCI / UFPB aimed to analyze the narrative exposition of an institution-memory. The research is the permanent exhibition of the Casa José of Américo Museum, located in the city of João Pessoa - PB, whose collection represents the life and work of writer and politician José Américo. It is used as a research method to semiotic analysis. It was concluded that by understanding how the memory representation (DIEHL, 2002) you can see that the Semiotics as a method of research is the theory that underlies this representational process, since this is given both in the context of materiality - sign object, sign vehicle - as in the immateriality - interpretant sign. Therefore, the analysis of informational phenomena, focusing on the collective cultural memory, runs through the relationship with the semiotic analysis, through which you can build methodological models for the study of information as memory support.

Keywords: *Information Science - Dialogue discipline. Memory - Collective Identity. Semiotics - Research Method.*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. **História cienc. Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, 2005. Disponível em: < www.scielo.com.br>. Acesso em: mai. 2007.
- ALMEIDA, C. C.; GUIMARAES, J. A. C. Peirce e a ciência da informação: considerações preliminares sobre as relações entre a obra peiceana e a organização da informação. In: ENANCIB – ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8, 2007. **Anais eletrônicos...** Salvador, 2007. Disponível em: <www.VIllenancib.com.br>. Acesso em: maio 2009.
- ARAÚJO, V. M. R. H. Informação: instrumento de dominação e de submissão. **Ci.In.**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 37-44, jan./jun. 1991.
- AZEVEDO NETTO, C. X. Cultura, Identidade e Cultura material: a visão arqueológica. **Rev. Vivência**, n.28, p.265-275, 2005.
- CARVALHO, R. M. R. Exposição em Museus e Públicos: o processo de comunicação e transferência da informação. In: PNHEIRO, L. V. R; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N (org.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000.
- CASTRO, A. L. S. de. Mito, tempo e memória: a dimensão do sagrado e a temporalidade museológica. In: PNHEIRO, L. V. R; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. (org.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem**. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000.
- CHAGAS, M. S. Museu, literatura e emoção de lidar. In: CHAGAS, M. de S.; SANTOS, M. S. dos. **Museu e Políticas de memória. Cadernos de sóciomuseologia**. Centro de estudos de sociomuseologia. [S.I.]: ULHT, 2002.
- CHOO, C. W. Como Ficamos Sabendo – Um Modelo de Uso da Informação. In: _____. **A Organização do Conhecimento: Como as organizações usam informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. São Paulo: Senac, 2003.
- COELHO NETTO, J. T. **Semiótica, Informação e Comunicação: diagrama da teoria do signo**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CURY, M. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, v. 12, p.365-380, 2005. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: out. 2008.
- _____. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006.
- DANNEMANN, F. K. 1930 : O assassinato de João Pessoa. **Recanto das Letras**, 14 jul.2007. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/resenhas/564974>>. Acesso em: 09 abr. 2011.
- DIEHL, A. A. Memória e identidade: perspectivas para a história. In: _____.

- Cultura historiográfica, memória, identidade e representação.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- DODEBEI, V. L. D.O **Sentido e o significado de documento para memória social.** Rio de Janeiro, 1997, 185 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro , 1997.
- ECO, U. **Tratado Geral de Semiótica.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FRAGOSO, I. S. **Instituições-memória: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB.** 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- GONÇALVES, L. R. **Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX.** São Paulo: Editora Universitária de São Paulo/ Fapesp, 2004.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2008.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JULIÃO, L. Apontamentos Históricos sobre Museus. In: **Caderno de diretrizes museológicas.** 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria do Estado e da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.
- LE COADIC, Y. **A Ciência da informação.** 2. ed. Brasília, DF: Brique de Lemos/Livros, 2004.
- LE GOFF, J. Memória. In: _____. **História e Memória.** 4. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
- _____. Documento/Monumento. In: _____. **História e Memória.** 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LIMA, D.F.C. Ciência da informação e Museologia em tempo de conhecimento fronteiriço: aplicação ou interdisciplinaridade? In: ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - Diversidade cultural e políticas de informação, 9, 2008. **Anais eletrônicos...** São Paulo – USP, 2008. Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: mai. 2009.
- LOUREIRO, J. M. M.; LOUREIRO, M. L. N. M.; SILVA, S. D. Apontamentos sobre objetos técnicos como documentos. In: ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - Responsabilidade social da Ciência da Informação, 10, 2009. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: Ideia/Editora Universitária/UFPB, 2009.
- MCGARRY, K. **O Contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória.** Brasília: Biquet de Lemos/Livros, 1999.
- MENESES, U. T. B. O Patrimônio Cultural entre o Público e o Privado. In: **O Direito a Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania.** São Paulo: Secretaria Municipal de cultura, 1992, p.189-194. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: set. 2008.
- _____. Identidade cultural e arqueologia. In: Bose, A. (org.) **Cultura Brasileira: temas e situações.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

- MIKLHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKYI, R. S. Estrutura e principais propriedades da informação científica (a propósito do escopo da informática) In: **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980.
- MORAES, J. N. L. Ciência da Informação e Museologia: diálogo e interfaces possíveis. In: ENANCIB - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2008. São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2008. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <tazsilva@yahoo.com.br>. Acesso em: out. 2008.
- MORENTIN, J. M. **Charles Sanders Peirce**: Semiótica, lógica y cognición. [S.l.: S.n., 2008]. Disponível em: <<http://www.magarinos.com.ar/Impresion.html>>. Acesso em: set. 2010.
- MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Enc.Bibli.: R.Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.2, especial, jul/dez. 2006. Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: maio 2009.
- OLIVEIRA, B. M. J. F.; AZEVEDO NETTO, C. X. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, I.; SEVERO, I. (orgs.). **Cultura popular**: nas teias da memória. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- OLIVEIRA, E. B. ; RODRIGES, G.M. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. ENANCIB – Diversidade cultural e políticas de informação, 9, 2008. **Anais eletrônicos...** São Paulo, 2008. Disponível em: <www.IXenancib.com.br>. Acesso em: mai. 2009.
- PINHEIRO, L.V.R. Itinerários epistemológicos da instituição e constituição da informação em arte no campo interdisciplinar da Museologia e da Ciência da Informação. **Museologia e patrimônio - Revista Eletrônica do Programa em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS UNIRIO/MAST**, v.1, n.1, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br>>. Acesso em: maio. 2009.
- PINHEIRO, L.V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v.24, n. 1, p.42-53, 1995. Disponível em: <revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/531/483>. Acesso em: ago. 2009.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RICCEUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2007.
- RIBEIRO, R. R. **Nos jardins do tempo**: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. [S.l.: S.n., 2000]. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores=id-11>>. Acesso em: out. 2009.
- ROCHA, L. M. G. M. **Museu, Informação e Comunicação**: o processo de construção do discurso museográfico e suas estratégias. 1999.120 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - CNPq/IBICT - UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 1999.

- SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.
- SANTOS, M. S. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. **Cadernos de sóciomuseologia**, [S.l.], ULHT, n.19, p.99-119, 2002.
- SANTOS, F. H. **Metodologia aplicada em museus**. São Paulo: Mackenzie, 2000.
- SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n.1, p.41-62, 1996. Disponível em: <<http://portal.deperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>>. Acesso em: fev. 2010.
- ZEMAN, J. Significado Filosófico da Noção de Informação. COLÓQUIOS FILOSÓFICOS INTERNACIONAIS DE CAHIERS DE ROYAUMONT- O Conceito de Informação na Ciência Contemporânea. [S.l.]: Paz e Terra, 1970. **Anais...** [S.l.]: Paz e Terra, 1970.
- ZUBIAUR CARREÑO, F. J. **Curso de Museología**. Asturias, Espanha: Trea, 2004